

Humanitismo – a teoria do mundo sem dor

Anderson da Costa Xavier (UFRJ)

Resumo: Em *De Anchieta a Euclides: breve história da literatura brasileira*, José Guilherme Merquior chama a atenção para o fato de Machado de Assis ter “posto os instrumentos de expressão forjados no primeiro Oitocentos – a língua literária elaborada por Alencar – a serviço do aprofundamento filosófico da nossa visão poética, em sintonia com a vocação mais íntima de toda a literatura do Ocidente”. Esse nexos entre ficção e filosofia possibilitou à nossa literatura dar um salto significativo de qualidade, mediante a passagem do entretenimento à problematização da existência. Nossa abordagem leva naturalmente à valorização do rendimento estético, menos como atenuante para as dores da vida do que como aspecto potencializado justamente pela entrega a especulações sobre o que fazemos sobre a terra.

Palavras-chave: Literatura – filosofia – humanitismo

Em *De Anchieta a Euclides: breve história da literatura brasileira*, José Guilherme Merquior chama a atenção para o fato de Machado de Assis ter “posto os instrumentos de expressão forjados no primeiro Oitocentos – a língua literária elaborada por Alencar – a serviço do aprofundamento filosófico da nossa visão poética, em sintonia com a vocação mais íntima de toda a literatura do Ocidente” (1977, 154).

De fato, na obra do autor de *Memórias póstumas de Brás Cubas* é marcante a presença de Montaigne, Pascal e Schopenhauer, dentre outros pensadores europeus. Esse nexos entre ficção e filosofia possibilitou à nossa literatura dar um salto significativo de qualidade, mediante a passagem do entretenimento à problematização da existência.

Em ensaios sobre a obra machadiana, Afrânio Coutinho e Miguel Reale fazem apontamentos acerca da influência desses filósofos nos textos de nosso prosador. Suas pesquisas se aproximam em vários aspectos, dentre os quais se destaca a preocupação com o rendimento estético dos questionamentos filosóficos machadianos. Teríamos a presença das várias filosofias em sua obra ou uma filosofia própria?

Segundo Afrânio Coutinho, o pensamento machadiano remete às idéias de Montaigne e Pascal. Ambos têm a mesma visão sobre a natureza humana, no entanto o

segundo acreditava haver no homem um germe de bondade, que o levaria à salvação: a redenção cristã.

Ao dar um caráter filosófico à literatura, problematizando a existência, Machado faz “o leitor satisfeito de si dar o desespero” (Bandeira: 2005, 205). Sua problematização não implica imitação daquilo que vê. Pelo contrário, cria novas realidades a partir daquela que o circunda, contrapondo-se ao caráter mimético do movimento realista.

A presença de Montaigne

Embora influenciado por Pascal e Schopenhauer, Machado tem uma comunhão maior com a obra do autor dos *Ensaio*s, pois nessa “aprendera (...) a não esquecer que o homem é um animal, sujeito à natureza e a seus caprichos, e não um soberano invulnerável da criação, arrogantemente senhor do seu destino” (Merquior: 1977, 172).

É fácil constatar a influência de Montaigne no texto machadiano, tanto no plano filosófico quanto no plano formal. A estrutura fragmentada dos *Ensaio*s é retomada nas *Memórias*, oferecendo ao leitor a possibilidade de observar o todo pela parte.

Ainda pensando na estrutura textual, os *Ensaio*s é uma espécie de auto-retrato, similar ao que ocorre no texto de Brás Cubas. Mediante a auto-observação o defunto-autor reflete sobre o homem como um todo. O narrador machadiano se identifica com Montaigne – na medida em que também é um pensador livre – que a partir de suas experiências faz inferências acerca do gênero humano, seus interesses e caprichos.

Machado e Montaigne guardam outras características em comum, como a análise das instituições, opiniões, caracteres e costumes. Ambos, cada qual em sua época, questionam o pragmatismo dogmático e investigam a complexidade do homem. Outro fator que os aproxima é o de não se vincularem a qualquer corrente, sendo céticos e, pelo mergulho na alma humana, humanistas.

A visão de Montaigne sobre o homem é outro elemento presente no texto machadiano. A condição animalesca do homem observada pelo pensador francês é um dos focos de nosso prosador. Em *Quincas Borba*, a crítica ao comportamento humano é evidente. Agindo para satisfazer seus interesses, o homem se mostra animal ao extremo. Enquanto isso o cão, solidário e fiel, esbanja afetividade e apreço. Da análise da natureza humana resta o questionamento: o homem é desprezível por sua natureza animal ou por ser *humano demasiadamente humano*?

Pascal e algumas implicações

Pascal é outro pensador que exerce relevante influência sobre Machado. Antropofagicamente, o autor se nutre da filosofia pascalina, refutando aquilo que considera desnecessário. Como Montaigne, Pascal pensa o homem como um ser doente e incurável, contudo vislumbra no cristianismo uma possível saída para seus problemas. Machado não partilha dessa cogitação. Para o autor dos *Pensamentos*, “a miséria e a dubiedade inerentes à natureza humana tinham um remédio transcendente. Machado corrigiu esse aspecto da filosofia de Pascal com a influência do naturalismo e do ceticismo de Montaigne” (Coutinho: 1959, 93).

A crença pascalina na transcendência é oriunda de seu contato com o jansenismo e de suas experiências religiosas, como a cura de sua sobrinha de uma grave doença. O pensador condena, então, o excesso de racionalidade e enxerga os homens por suas paixões, daí seu discurso acerca das razões do coração. Para ele,

a razão humana é um instrumento débil e corrompido, cegado pelo pecado original, a ponto de somente penetrar as aparências e criar erros, assim como a natureza, corrompida e substituída, na sua primitiva pureza, pela concupiscência (Coutinho: 1959, 74-5).

Em *A filosofia de Machado de Assis*, Coutinho faz um levantamento das influências filosóficas sofridas por Machado. Dentro do cabedal de filósofos estudados, destaca-se Pascal, com o texto de quem Machado entrou em contato por intermédio de um amigo francês. Como nosso prosador, o filósofo francês lançou o olhar sobre os homens.

Coutinho resume o pensamento de Pascal acerca da vida. Essa é tida como ruim devido à condição humana. Por estar sempre cindido e em tensão, o homem dificilmente age de modo benévolo. Segundo as idéias pascalinas, por serem contraditórios e enigmáticos, os indivíduos não inspiram confiança, portanto jamais se saberá se seus atos são frutos da bondade e da generosidade ou se apenas são oriundos de seus egoísmo e interesse.

Segundo o crítico, Pascal odeia a vida e isso faz com que a conceba como má e o homem como monstro. Essa visão aproxima-se da de Machado, contudo há uma

divergência – a existência de um germe ou resíduo de bem na essência humana. Para o francês,

o homem é um monstro. Entretanto deste fundo corrompido sobem apelos para o bem que tendem para o infinito, e neste ser fraco e hesitante vivem ainda restos de uma grandeza que nos imobiliza de respeito. Afinal e em suma, o homem é a contradição, uma antinomia viva (Coutinho: 1959, 75).

Diante dessa monstruosidade, Pascal diz que o homem age pautado em seus interesses, mas às vezes suas ações contêm uma centelha de bondade. Machado discorda. O autor de *Brás Cubas* não acredita em boas ações, influenciado que é pelos moralistas franceses “para quem os bons sentimentos são a máscara hipócrita do egoísmo” (Merquior: 1977, 173).

Os leitores graves e atentos sabem que as boas ações das personagens machadianas devem sempre ser vistas por um prisma de desconfiança, pois “a frase machadiana é de fato sempre faceira: exige que nós a olhemos antes de ver o que ela mostra” (Merquior: 1977, 173).

Miguel Reale discorda dos apontamentos de Afrânio Coutinho. Segundo ele há um certo exagero na correlação Pascal-Machado. Apoiado na advertência feita por Sérgio Buarque de Holanda, ressalta que

comparado ao de Pascal, o mundo de Machado é um mundo sem Paraíso. De onde uma insensibilidade incurável a todas explicações que baseia no pecado e na queda a ordem em que foram postas as coisas no mundo. Seu amoralismo tem raízes nessa insensibilidade fundamental (Buarque de Holanda *apud* Reale: 1982, 8).

Reale não concorda com a idéia de que Machado e Pascal odiavam a vida. Fazendo nova referência ao estudo do autor de *Cobra de vidro*, afirma que a obra machadiana não é cética ou trágica, posto que é absurda, “somada a um sentimento de penúria encoberto pela ironia”.

De acordo com o estudioso, a identidade existente entre Machado e Pascal está em uma “forte afinidade espiritual, sendo certo, no entanto, que nossa sensibilidade é atraída às vezes, por motivos de identidade, mas por inexplicáveis razões de contraste” (1982, 9). Para ele, o que os aproxima é o caráter filosófico que há no “sentido de procura” e a inquietude estabelecidos na obra de cada um.

Schopenhauer e a metafísica da vontade

Entre as influências filosóficas sofridas por Machado de Assis, é evidente a de Arthur Schopenhauer. Por meio de um sistema filosófico – o Humanitismo – posto na boca de um louco, o autor de *Quincas Borba* satiriza a idéia da existência do “melhor mundo possível” e penetra no pensamento do filósofo alemão, que acreditava que “o universo é vontade, cega, obscura e irracional vontade de viver” (Merquior: 1977, 171).

Segundo Schopenhauer, o mundo é mera representação. Nessa há dois pólos inseparáveis: o objeto que se dá no tempo e no espaço; e o sujeito que se constitui a partir da consciência do mundo. Para o filósofo alemão, o homem consciente de si percebe que é constituído pela vontade, formada por seus interesses e paixões. A vontade seria a coisa-em-si.

A vontade não é uma manifestação racional. Na verdade, é uma manifestação impulsiva que visa à preservação da espécie. Para o filósofo, todo ser deseja perpetuar-se. Como a vontade nunca será satisfeita – pois quando uma é satisfeita, outra surge –, o mundo é marcado pela insatisfação, pela dor. O único momento de prazer é a supressão da dor, que, contudo, é evanescente.

A afirmação e a negação da vontade são fundamentais para a definição do homem. Afirmar a vontade é imanente à natureza humana, fazendo saltar aos olhos seu lado cruel, egoísta e mal. Para o pensador, negar a vontade seria um ato de santidade, uma vez que o homem agiria contra sua natureza.

Schopenhauer é pessimista. Sua filosofia versa sobre a oscilação do homem entre a dor e o tédio. O que aproximaria o seu pensamento do sistema filosófico que tem por propósito a extinção da dor? “A frase faceira”. Debaxo dos signos escritos, Machado demonstra todo o seu descontentamento com a sociedade e deixa patente seu pessimismo.

Merquior afirma que o pessimismo machadiano era “a sua posição antagônica em relação ao Evolucionismo oitocentista, ao culto do progresso e da ciência” (1977, 171-2). Na mesma medida em que se avança nos campos científicos e tecnológicos,

crece a miséria humana, e um homem como Machado não veria isso como se observasse um bonde a passar.

Muitas são as afinidades entre Machado e Schopenhauer, como ressalta Miguel Reale em *A filosofia na obra de Machado de Assis & Antologia filosófica de Machado de Assis*. Embora o crítico infira que o autor de *Crisálidas* não foi adepto da metafísica da vontade, é inegável a relação desse pensamento com humanitas. Vontade e humanitas seriam reflexos especulares uma da outra.

Humanitas e vontade

Nossa análise do sistema filosófico de Quincas Borba se dá a partir do ponto de vista que enxerga o ser humano como vítima e agente da vontade. Pensamos o Humanitismo, desde sua criação nas *Memórias*, como a manifestação do ego e da vontade de viver. A saciação da vontade geralmente acontece de modo egoísta, algo que a nova filosofia permite, devido ao otimismo que há quando da observação do mundo.

Apresentado a Brás Cubas por Quincas, humanitas resolve os problemas de qualquer sociedade. A ideologia do sistema é a extinção da dor a qualquer custo. Todos os atos humanos são justificados desde que atendam à resolução de sua vontade. Não há uma preocupação com o coletivo; há apenas a realização pessoal. O que para muitos se configura como egoísmo, para o filósofo não passa da satisfação de uma necessidade, da vontade de viver.

Essa satisfação do ego implica nas realizações do desejo. O Humanitismo se apresenta, então, como a doutrina satânica do conto “A igreja do diabo”, onde tudo é plenamente possível. Distanciando-se da concepção cristã do sacrifício e da dor, o Borbismo é um belo palco para a manifestação da vontade humana. Nele o homem se mostra por completo, tendo como único empecilho o não-nascimento, encarado pelo sistema positivista como a única desgraça. O Humanitismo se compara a um credo novo, da felicidade.

Nesta igreja não há aventuras fáceis, nem quedas, nem tristezas, nem alegrias pueris. O amor, por exemplo, é um sacerdócio, a reprodução um ritual. Como a vida é o maior benefício do universo, e não há mendigo que não prefira a miséria à morte (o que é um delicioso influxo de Humanitas), segue-se que a transmissão da vida, longe de ser uma ocasião de galanteio, é a

hora suprema da missa espiritual. Porquanto, verdadeiramente há só uma desgraça: é não nascer (Assis: 1965, 164).

A partir da observação do comportamento humano e cansado de sua desorganização, o diabo resolve fundamentar uma religião. O demônio depreende o quanto é custoso à humanidade anular-se para que o outro cresça. A par da dificuldade humana, libera os indivíduos para cometerem todo tipo de falcatrua ou injustiça, de modo especial se for para a satisfação da sua vontade. Na seita diabólica, o homem satisfaz seus desejos livremente.

Porém, a vontade de viver não é injusta. Saciá-la não é ruim. Ela só passa a ter uma conotação negativa quando intervém na vontade alheia, suprimindo-a. Dessa forma a equivalência entre humanitas e vontade é plena, pois o interesse de uma personagem machadiana sempre cala o interesse das outras. Sendo assim, o Humanitismo é a doutrina da injustiça:

Recordemos a nossa explicação da palavra injustiça, o que queremos dizer é que ele (o homem) não se contenta em afirmar a vontade de viver, tal como ela se manifesta no seu corpo, mas leva esta afirmação até negar a vontade enquanto ela aparece em outros indivíduos; e a prova é que ele tenta sujeitar-lhes as forças à sua própria vontade, e suprir-lhes a existência desde que elas constituam um obstáculo às pretensões desta sua vontade (Schopenhauer: 2007, 381).

Os romances machadianos são permeados por injustiças. Em sua primeira fase, há um desarranjo entre as protagonistas e o clã a que pretensamente pertenciam. Guiomar e Helena são inteligentes e espertas, o que não casa com a dependência econômica em relação à família a que são agregadas. “Por que bonita, se coxa?” é a pergunta a ser feita. Na fase madura, o injusto desarranjo se transfigura em armações, farsas, trapaças e truques. Enfim, um plano onde reinam as práticas injustas.

Em *Quincas Borba*, as injustiças são inúmeras. Ressaltamos o abandono da sociedade que Cristiano Palha mantinha com Rubião. Depois de satisfazer sua vontade e sentir-se seguro, uma vez que já era comerciante próspero, Palha descarta a parceria

com o professor, que já estava doente. O fato de Cristiano ter lesado Rubião financeiramente já seria uma injustiça, diante do estado demente do professor, mostra-se uma injustiça ainda maior.

Rubião (...) quis abraçar o Palha. Este apertou-lhe a mão satisfeitíssimo; ia ver-se livre de um sócio, cuja prodigalidade crescente podia trazer-lhe algum perigo. A casa estava sólida; era fácil entregar ao Rubião a parte que lhe pertencesse, menos as dívidas pessoais e anteriores. Restavam ainda algumas daquelas que o Palha confessou à mulher, na noite de Santa Teresa, cap. L (p. 161).

Para muitos críticos, o Humanitismo é uma pura e simples sátira do Humanismo ou de outras correntes filosóficas do século XIX, como o Positivismo ou o Evolucionismo darwinista. Para Roberto Schwarz, a teoria,

como sugere o nome, trata-se de uma sátira à floração oitocentista de ismos, com alusão explícita à religião comteana da humanidade. Os raciocínios fazem pensar em mais outras filiações, já que em lugar dos princípios positivistas afirmam a luta de todos contra todos, à maneira do darwinismo social (1990, 164).

Se Schwarz erra a mão ao reduzir o Humanitismo a uma simples sátira a outras correntes filosóficas, acerta ao dizer que, inserindo a filosofia em sua obra de ficção, Machado

trazia à literatura brasileira, quase jejuna no capítulo, o conflito das idéias. E melhor que isso, não o trazia na forma xucra praticada por adeptos ou detratores: a exposição clara, sintética, satiricamente cônica das próprias inconsistências supunha a apropriação do essencial espírito científico – em nível que entre nós seria uma façanha –, isto sem perder de vista as virtualidades conservadoras e despóticas, nem, sobretudo, o

funcionamento peculiar nas condições de nosso país (1990, 167-8).

Contra essa posição reducionista, trazemos a análise de Consuelo Albergaria, para quem as idéias do “filósofo pancada” formariam “um novo sistema de filosofia”, “fruto de longo estudo”, no qual “explica e descreve a origem e a consumação das cousas”. Buscando a significação dos radicais e sufixos gregos, Albergaria explica etimologicamente o sistema de Quincas Borba. Pautado na avaliação dos caracteres, “o Humanitismo pode assim ser lido como a doutrina de uma humanidade inflamada em sua ambigüidade patológica e de exaltação”. Tal conceito nasce da observação da estrutura da palavra que dá nome ao sistema, pois o sufixo “ite, de grego, itis, designa doença inflamatória, mais ismo, designativo de doutrina” (Albergaria: 1994, 47-8).

Deixemos de lado as raízes e voltemos ao problema central. Em nome de uma pretensa felicidade, tudo cabe na logística de Borba. Uma revitalização maquiavélica: “os fins determinam os meios”. Embora priorizasse a alegria, o novo sistema não aboliria as mazelas, que serviriam para a valorização da conquista do bem último e supremo, como fica claro em *Brás Cubas*.

Reorganizada a sociedade pelo método dele, nem por isso ficavam eliminadas a guerra, a insurreição, o simples murro, a facada anônima, a miséria, a fome, as doenças; mas sendo esses supostos flagelos verdadeiros equívocos do entendimento, porque não passariam de movimentos externos da substância interior, destinados a não influir sobre o homem, senão como simples quebra da monotonia universal, claro estava que a sua existência não impediria a felicidade humana (Assis: 1965, 165).

O Humanitismo é uma análise do visto, do real sensível. Soa, às avessas, como uma manifestação do desprezo pela defeituosa natureza humana, que para Machado, como para Montaigne, era “apenas resultado da simples constatação de uma realidade” (Coutinho: 1959, 82). Realidade que é repensada e recriada por Machado.

Ao explicar sua teoria a Cubas, Quincas Borba cria uma alegoria a partir do frango que come. Questiona: que importa o processo de produção dos alimentos,

quando os temos para comer? A satisfação do eu nada tem a ver com a dor do outro. Em suma, a alegoria tem por tema central o sofrimento alheio, que existe “com o único fim de dar mate ao meu apetite”.

Machado demonstrou o pior do humano e fez aparecer todo o egoísmo. Em suas obras, fica clara sua visão do comportamento do homem. Para o autor, “todos querem tudo para si, todos querem possuir tudo, pelo menos governar tudo; e tudo que se lhes opõe, eles quereriam poder aniquilá-lo” (Schopenhauer: 2007, 348).

O Humanitismo é uma dissertação sobre as atitudes pautadas na vontade humana. Como a vontade de viver supera todos os flagelos, os meios para evitar os próprios não implicam preocupar-se em evitar o flagelo alheio, pois

cada indivíduo, apesar de sua pequenez, ainda que perdido, aniquilado no meio do mundo sem limites, não deixa se tomar pelo centro de tudo, fazendo mais caso da sua existência e do seu bem-estar que dos de todo o resto, estando mesmo, se apenas consulta a natureza, pronto a sacrificar a isso tudo o que não é ele, a aniquilar o mundo em proveito desse eu, dessa gota de água no oceano, para prolongar por um momento a sua própria existência (Idem: 2007, 348).

Brás Cubas é o livro-marco da passagem do Machadinho ao grande Machado. A mudança ocorre tanto no plano formal quanto no conteúdo. O discípulo de Quincas Borba aprendeu a lição dada. Toda a narrativa de suas memórias é análoga ao Borbismo. Desde a idéia do emplasto Brás Cubas – cujo fim era dar nome ao criador e não alívio às dores alheias – até o episódio em que tem sua vida salva por um homem comum, e reflete sobre a recompensa que daria àquele. O teor do livro é a filosofia do doido de Barbacena.

A importância do Humanitismo é tão grande em *Brás Cubas* que dá origem a *Quincas Borba*. Acreditamos que, não satisfeito com o resultado obtido com a explanação e divulgação da doutrina de sua personagem, Machado abre, em seu projeto estético, espaço para um livro que é uma súpula daquele sistema.

No segundo livro da maturidade, as ações de todas as personagens – da principal às periféricas – são movidas por puro e simples egoísmo. Sempre preponderam os interesses pessoais. Nesse sentido apenas uma personagem destoa das demais: Dona

Fernanda. Contudo, se suas ações são frutos da bondade, essa persona é uma exceção que ratifica a regra.

Quincas Borba explica a essência de sua teoria a Rubião, seu amigo-criado. Dá-lhe a história da morte de sua avó como exemplo. A senhora morreu atropelada por uma sege que seguia em alta velocidade. Essa tragédia é explicada pelo filósofo como um ato legítimo de humanitas. Nem todos podem estar satisfeitos, porém se um está, é justo.

O dono da sege que atropelou a avó do filósofo tem fome e sua vontade de viver (comer) não pode encontrar obstáculos. Se os encontra, tende a eliminá-los. Humanitas, no entanto, não faz sentido para Rubião, porque “seguramente o dono da sege por muito tarde que chegava à casa, não morria de fome, ao passo que a boa senhora morreu de verdade, e para sempre” (p. 20).

Rubião não entende a explicação dada por seu mestre; não compreende o porquê da necessidade da morte da pobre velha. O filósofo dá, então, mais um exemplo ao professor, fazendo com que creia que sua visão da morte estava equivocada. Em humanitas, “rigorosamente não há morte, há vida, porque a supressão de uma é a condição da sobrevivência da outra, e a destruição não atinge o princípio universal e comum” (p. 21). A avó de Quincas Borba era uma expansão, a fome do dono da sege, outra; uma havia de resistir: a mais forte.

Outro exemplo é dado pelo filósofo: as duas tribos e o campo de batatas. Segundo a teoria, se as tribos ficassem em paz, o suprimento acabaria e todos morreriam de inanição. “A paz, nesse caso, é a destruição; a guerra é a conservação” (p. 21). O filósofo diz que a supressão de uma das forças faria com que a vencedora gozasse de sua vitória: “ao vencedor as batatas!”

O professor não percebe de imediato o caráter destrutivo e cruel da teoria otimista de seu amigo. Só entende quando é declarado seu herdeiro universal. Todos os sufrágios passados na companhia do louco valeram a pena e a aparente desgraça – o não-casamento de sua mana Piedade com Quincas – se justifica. A supressão de um para o aparecimento do outro.

Uma vez mais, aproximamos o pensamento de Quincas Borba da metafísica da vontade de Schopenhauer, na qual a morte não elimina a vida, mas apenas uma vida. Se uma for suprimida, não significa o fim da espécie. Nas palavras do filósofo de Barbacena, sobre seu *Dom Quixote*: “se eu destruir o meu exemplar, não elimino a obra que continua eterna nos exemplares subsistentes e nas edições posteriores. Eterna e bela, belamente eterna, como este mundo divino e supradivino” (p. 22).

Sem dúvida, *Memórias póstumas de Brás Cubas* e principalmente *Quincas Borba* são os veículos da mensagem humanitista, porém ela permeia quase toda a obra machadiana, em decorrência de sua visão de mundo. Basta pensar no conto “Pai contra mãe”, de *Relíquias da Casa Velha*, que, se não tem como cerne o interesse puramente financeiro, nos permite observar as relações sentimentais, as relações humanas, pela ótica do egoísmo.

“Pai contra mãe” é a história de Candido Neves. Nome e caráter são antitéticos. Mais uma vez, Machado lança mão de sua pena crítica. Candido não é dado a trabalhar, tendo, por necessidade, o ofício de capturar negros fugidios. Casa-se com Clara, sobrinha de Mônica. Todos passam a viver junto. Candido e Clara geram uma criança e as dificuldades para se manterem, que já eram grandes, aumentam.

Desesperado, temendo perder o que conquistara, e principalmente seu filho, que seria entregue para adoção, Candido parte em busca de uma escrava fujona, por quem pagariam a quantia de cem mil réis. Encontrando-a, captura-a, levando-a ao seu senhor, mas não sem que a negra ofereça resistência.

Mirando o drama de Candido Neves – a possibilidade de perder o filho –, espera-se que, ao saber da gravidez da escrava, ele se sensibilize e a deixe fugir. Pensamento tolo e vão. Humanitas age novamente, fazendo saltar o mais podre e fétido lado humano. A negra é capturada e entregue. Não suportando a luta, aborta. O período que encerra o conto resume a devoração geral. Essa, na ótica do Humanitismo, é vista apenas como a supressão de uma das forças, a fim de que a outra sobreviva: “– Nem todas as crianças vingam”. Candido recebe a recompensa e segue para casa com seu filho.

Essas imagens mostram a capacidade de Machado de dizer exatamente o oposto daquilo que está escrito. O autor tem plena convicção de que um mundo sem dor é inviável. Cria um sistema aparentemente indolor e, ao explicá-lo, usa exemplos matizados pela dor e a crueldade, que são justas em humanitas, porque “a ordem social e humana nem sempre se alcança sem o grotesco, e alguma vez o cruel”.

O discurso machadiano é irônico. E embora o Humanitismo tenha um cunho otimista, acreditamos que a visão de Machado, em relação a esta corrente de pensamento, seja a mesma de Schopenhauer, que diz que

o otimismo, quando não é um puro palavreado privado de sentido, como acontece nessas cabeças vazias onde se alojam

apenas palavras, é pior do que um modo de pensar absurdo: é uma opinião realmente ímpia, uma zombaria odiosa, em face das inexprimíveis dores da humanidade (2007, 342).

Distante do “melhor mundo possível” otimista, Machado nos oferece o pior dos mundos. Ele sabe que para perceber a verdade basta “abrir bem os olhos para a vida de todos, para julgar que nosso mundo real é um inferno que supera em horrores o inferno de Dante” (Lefranc: 2007, 29). No entanto, ao escrever o Humanitismo – a teoria do mundo sem dor –, faz com que percebamos a dor e as injustiças por diferentes ângulos (da vítima e do beneficiário). Daí o caráter tragicômico do livro.

Machado observa os caracteres e torna sua obra atemporal, pois o homem é sempre o mesmo; “são sempre as mesmas guerras, as mesmas rapinas, as mesmas intrigas de uma mesma humanidade; a natureza humana se encontra sempre idêntica sob todos os costumes, em todas as épocas, em todos os lugares” (Lefranc: 2007, 57). Logo, todas as mazelas passadas, presentes e futuras, como por exemplo “as atrocidades do século XX, teriam sido simplesmente a confirmação de uma maldade humana absolutamente irremediável” (Lefranc: 2007, 30).

Ao fechar suas memórias, Brás Cubas, praticante do Humanitismo, faz com que as idéias machadianas casem com as de Schopenhauer. O mundo é dor, e somente ela pode ser encarada positivamente. No “capítulo das negativas”, o defunto-autor enumera suas decepções e frustrações, considerando positivo o fato de não ter filhos. Se cogitamos os hábitos do século XIX, vemos que não construir uma família é negativo. Porém Machado subverte os conceitos, e sua personagem, “ao chegar do outro lado do mistério”, tem saldo positivo, pois “o balanço da vida de alguém reside, por consequência, não nos prazeres que fruiu, mas nos males que evitou” (Barbosa: 2003, 51). Cubas não dá continuidade a seu sofrimento, não passa o bastão da dor a ninguém.

A obra de Machado de Assis é singular. Isso se deve ao seu grau de complexidade e seu caráter enciclopédico. Sua leitura é vastíssima. Dos pré-socráticos a seus contemporâneos, de tudo há um pouco: de Montaigne, o naturalismo, de Pascal, a inquietude espiritual e de Schopenhauer, um certo pessimismo.

Entendemos o Humanitismo como uma súmula do pensamento machadiano. Se pensamos a sociedade como doente e incurável, inferimos que Machado é um pessimista. Porém, lançamos mão do conto “Viver”, que mostra antes de tudo um apego

à vida. Desbancada a teoria pessimista, nos resta observar ceticamente as máscaras dos narradores machadianos.

Em seu delírio, Brás Cubas trava um diálogo com Pandora – mãe e inimiga – sobre a origem da vida. Diante da morte iminente, o homem não tem outro desejo além de viver. Implorando, diz: “– Viver somente, não te peço mais nada. Quem me pôs no coração este amor senão tu? E, se eu amo a vida, por que tu hás de golpear a time mesmo, matando-me?” Essa imploração pela vida desfaz toda e qualquer impressão negativa, porém não configura otimismo. Denota apenas aquilo que é imanente à natureza humana: seu interesse pela vida, sua vontade de viver.

Referências bibliográficas

ALBERGARIA, Consuelo. “A Filosofia do Humanitismo”. In: *Machado de Assis: Estudos de Literatura Brasileira*. Rio de Janeiro: Faculdade de Letras/UFRJ, 1994.

ASSIS, Joaquim Maria Machado de. *Memórias póstumas de Brás Cubas*. São Paulo: Cultrix, 1965.

_____. *Quincas Borba*. São Paulo: Cultrix, 1965.

BANDEIRA, Manuel. *Estrela da vida inteira*. Rio de Janeiro: Record, 2005.

COUTINHO, Afrânio. *A filosofia de Machado de Assis e outros ensaios*. Rio de Janeiro: Livraria São José, 1959.

LEFRANC, Jean. *Compreender Schopenhauer*. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 2007.

MERQUIOR, José Guilherme. *De Anchieta a Euclides: breve história da literatura brasileira*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1977.

REALE, Miguel. *A filosofia na obra de Machado de Assis & Antologia filosófica de Machado de Assis*. São Paulo: Pioneira, 1982.

SCHOPENHAUER, Arthur. *O Mundo como vontade e Representação*. Rio de Janeiro: Contraponto, 2007.

SCHWARZ, Roberto. *Ao vencedor as batatas*. São Paulo: Duas Cidades, 1977.

_____. *Um mestre na periferia do capitalismo: Machado de Assis*. 2ª ed. São Paulo: Duas Cidades, 1990.

STIERLE, Karlheinz. *A ficção*. Tradução de Luiz Costa Lima. Rio de Janeiro: Caetés, 2006.